

Companheiro Sócrates

309 **Comp.** — De onde vens tu, Sócrates? Está-se mesmo a ver que da caça ao jovem Alcibíades¹, não? A propósito, quando o vi, de manhã, pareceu-me já um belo homem; e — isto aqui entre nós, Sócrates — um homem feito, até com a barba a despontar.

Sóc. — Ora, e então? Não és tu admirador de Homero, que diz que a idade mais grata é a da primeira barba², a que tem agora Alcibíades?

Comp. — É verdade. E o que há de novo? Vens de junto dele, não vens? Que tal te tratou o nosso jovem?

Sóc. — Bem — pelo menos, pareceu-me —, sobretudo hoje, pois pôs-se do meu lado e fez várias intervenções em meu favor. Sim, venho agora mesmo de junto dele. Quero até contar-te algo notável: apesar de ele estar presente, não lhe prestei grande atenção e, muitas vezes, até me esqueci dele.

c **Comp.** — Mas que coisa tão extraordinária vos terá acontecido, a ti e a ele? Não me digas que encontraste algum outro mais belo do que ele aqui na nossa cidade?

Sóc. — E muito mais!

Comp. — O que dizes? Aqui da cidade ou estrangeiro?

Sóc. — Estrangeiro.

Comp. — De onde?

Sóc. — De Abdera.

Comp. — E pareceu-te ser assim tão belo esse estrangeiro ao ponto de o achares mais belo que o filho de Clíncias?

Sóc. — Como é que quem é mais sábio, meu caro, não há-de parecer o mais belo?

Comp. — Então, vens de te encontrares com um sábio, Sócrates?

d **Sóc.** — E, certamente, o mais sábio de todos quantos por aí há, se concordares que Protágoras³ é o mais sábio de todos.

Comp. — O que dizes? Protágoras está na cidade?

Sóc. — Está, e há três dias.

Comp. — E vens agora mesmo de conversar com ele?

310 **Sóc.** — Precisamente, de ter dito e ouvido muita coisa.

Comp. — E, então, não nos vais descrever esse encontro? Se não tens nada que te prenda, manda levantar aí o escravo e senta-te aqui.

Sóc. — Pois, muito bem. E vou ficar-vos grato, se me escutarem.

Comp. — E nós a ti, se contares.

Sóc. — Bem, assim será um agradecimento mútuo. Escutem, então:

Esta noite passada, ainda antes do amanhecer, Hipócrates⁴, o filho de Apolodoro e irmão de Fáson, bateu com o bastão na minha porta, com toda a força, e, quando lha abriram, precipitou-se imediatamente para o interior, a gritar, com voz forte:

— Sócrates, já acordaste ou ainda dormes?

E eu, reconhecendo-lhe a voz, exclamei:

— Este é o Hipócrates! Não me vens trazer nenhuma má notícia, não?

— Não — respondeu ele. — Nada, senão boas notícias.

— Diz lá, então — repliquei eu. — O que há? A que propósito vieste cá a esta hora?

— Chegou Protágoras! — respondeu ele, de pé junto de mim.

— Antes de ontem. Só agora é que soubeste?

c — Sim, pelos deuses, só à noitinha. — E, ao mesmo tempo, tateando o leito, sentou-se aos meus pés e disse: — À noitinha e bastante tarde, quando voltei de Énoe⁵; pois, vê lá bem que o meu escravo, o Sátiro, tinha-me fugido e eu estava mesmo para te avisar que ia procurá-lo, mas esqueci-me, por causa de qualquer outra coisa. Quando voltei, tínhamos acabado de jantar e estávamos para nos deitarmos, quando o meu irmão me disse que Protágoras tinha chegado. Estive para vir

logo ter contigo, mas depois pareceu-me que já era demasiado tarde. Mas, assim que o sono em que caíra, por causa da
d fadiga, me deixou, levantei-me e corri para cá, sem demora.

Eu, que lhe conheço a energia e a paixão, perguntei:

— O que tens tu com isso? Por acaso ofendeu-te, Protágoras?

— Sim, pelos deuses — respondeu ele, com um sorriso —, porque só ele é sábio e não me faz sê-lo a mim.

— Mas, por Zeus — disse-lhe eu —, se lhe deres dinheiro e o persuadires, ele há-de te fazer sábio a ti também.

e — Ó Zeus e deuses, se, na verdade, fosse assim! Não pouparia nem o que é meu nem o dos meus amigos. Mas, é mesmo por essa razão que venho agora ter contigo, para lhe falares de mim; porque eu não só sou muito novo como ainda nunca vi nem ouvi Protágoras, pois da última vez que ele cá esteve eu era ainda uma criança. Mas todos o aplaudem, Sócrates, e dizem que a falar é o mais hábil dos homens. Porque
 311 ouvi dizer, está hospedado em casa de Cálias⁶, o filho de Hiponico. Vamos lá!

— Não vamos ainda⁷, meu amigo, que é muito cedo; vamos antes para o pátio e façamos tempo a dar umas voltas, enquanto não nasce o dia. Logo a seguir saímos. E mais, Protágoras passa a maior parte do tempo em casa, de modo que não te preocupes; quer-me bem parecer que o encontraremos lá.

b Levantámo-nos, então, e fomos dar uma volta pelo pátio, e eu resolvi experimentar Hipócrates e pô-lo à prova, fazendo-lhe algumas perguntas:

— Diz-me uma coisa, Hipócrates, estás disposto agora a procurar Protágoras e a oferecer-lhe o teu dinheiro como salário por ele se ocupar de ti, mas porque é que o procuras e para te tornares o quê? Se, por hipótese, tivesses intenção de procurar o teu homónimo, Hipócrates de Cós, o dos Ascle-

píades⁸, para lhe ofereceres o teu dinheiro, como salário por se ocupar de ti, se alguém te perguntasse «Diz-me, Hipócrates, estás disposto a pagar um salário a Hipócrates por ele ser o quê?», o que responderias?

— Responderia que por ele ser médico.

— E para te tornares o quê?

— Para me tornar médico.

— E se tencionasses procurar Policleto, de Argos, e Fídias, de Atenas⁹, para lhes pagares um salário por eles se ocuparem de ti, se alguém te perguntasse «Pagas esse dinheiro a Policleto e a Fídias porque achas que eles são o quê?», o que responderias?

— Responderia que porque são escultores.

— E para te tornares tu o quê?

— É óbvio que um escultor!

— Muito bem! — disse-lhe eu. — Agora vamos, tu e eu, procurar Protágoras, dispostos a pagar-lhe um salário por se ocupar de ti... se os nossos bens forem suficientes para, com eles, o persuadirmos, mas, se não, a gastarmos até os dos nossos amigos. Se, por acaso, alguém, por estarmos assim tão empenhados neste propósito, perguntasse: «Digam lá, Sócrates e Hipócrates, vocês têm intenção de oferecer os vossos bens a Protágoras por ele ser o quê?», o que lhe responderíamos? Que outro nome ouvimos já referir a propósito de Protágoras? Tal como de Fídias que é escultor e de Homero que é poeta, que designação ouvimos dar a Protágoras?

— Bom, costumam dizer do nosso homem que é sofista.

— De modo que vamos entregar os nossos bens a um sofista?

— Precisamente!

312 — Então, e se alguém te fizesse ainda mais esta pergunta: «E procuras Protágoras para te tornares o quê?»

Ele corou — percebeu-se porque começava já a surgir alguma claridade — e disse: